

UMA HONRA BIOLÓGICA

Livro 68

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



CANANEUS (FENÍCIOS)

O mar tem sido a maior rodovia usada pela humanidade. As técnicas de visualização alcançadas pelo “Sonar multilazer” usado pela Arqueologia Marítima oferecerá aos investigadores de culturas antigas novas descobertas que trarão à luz dados ainda desconhecidos acerca de suas origens e costumes.

Este povo viveu na porção norte da Palestina, hoje Líbano. Denominado Poeniques pelos gregos (povo da pele avermelhada) os Fenícios habitavam as terras baixas em Canaã.

A cultura dos Cananeus, denominados pelos Gregos de Fenícios, encontra-se dados que a descrevem desde o auge de suas atividades no século XII a.C.

A monarquia não tinha governo centralizado, foi dividido seus governos por cidades-estados, denominadas de:

Tripolis, Byblos (Geba) , Beirut, Sidon, Sanepta, Tyre, Acre, Dor, Arwad, Agarit. A palavra Biblia tem sua origem da palavra Byblos.

Disputavam com outros povos, Assírios (Iraque) e Persas (Irã) a liderança regional. Tiveram um importante declínio no século IX a.C. quando foi invadido pelo império de Alexandre.

CRIATIVIDADE

Suas atividades apoiadas na criatividade, supria a baixa produção em função das condições territoriais compensadas por sua iniciativa de aproveitar a madeira leve e forte dos Cedros para construir embarcações que lhe permitiram construir entrepostos como ponto de colonização para onde levavam mercadorias e cultura em suas várias dimensões

Estima-se que cada viagem dos Fenícios pelos mares tardava cerca de 3 anos entre ida e volta justificando a criação de entrepostos para o intercambio a que se dedicavam. Entre esses é citada Tarsis que seria um desses lugares intermediários sem que se tenha ainda definido sua localização. Há estudos ligando a Brasil e Índia.

ORIGEM DOS CANANEUS

Os Cananeus influenciaram várias culturas, criaram Cartago e Ibiza como entrepostos entre outros deixando marcas culturais profundas na construção da história da humanidade. Sua cultura e seu idioma estão presentes ainda hoje.

Sua origem citada na Bíblia remete a CAA e CANAÃ, filhos de Noé.

Salomão se casa com uma princesa Fenícia, o templo de Jerusalém foi construído por Fenícios. Esta união formaliza a colaboração entre Hiram e Salomon, aproximando o povo hebreu do povo fenício.

A religião dos Fenícios era politeísta, seus deuses representavam as forças da natureza.

Baal era o deus da fertilidade. Astarte (Astarte) era a mais importante deusa fenícia. Filha de Baal, deusa da Lua, da Fertilidade, da Sexualidade, da Guerra, da Maternidade. Deusa das alturas, das tempestades e dos raios. Dagon representava os rios e anunciava as chuvas.

FENICIOS NO BRASIL

Há referências (questionadas), citadas em 1963 por Bernardo Azevedo Silva Ramos de inscrições fenícias na Pedra do Ingá na Paraíba – Brasil demonstrando que teriam sido há séculos os primeiros a estarem no continente americano. Segundo sua publicação transcreveu os seguintes dizeres:

“Somos filhos de Canaã, de Sidon, a cidade do Rei. O comercio nos trouxe a esta distante praia, uma terra de montanhas. Sacrificamos uns jovens aos deuses e deusas exaltados no ano 19 de Hiram, nosso poderoso rei. Embarcamos em Ezion-Geber, no Mar Vermelho e viajamos com 10 navios. Permanecemos no mar juntos por dois anos, em volta da terra pertencente a Hiram (África), mas fomos separados por uma tempestade, nos afastamos de nossos companheiros e, assim, aportamos aqui, 12 homens e 3 mulheres, numa nova praia que eu, almirante controlo, mas auspiciosamente passam os exaltados deuses e deusas intercederam em nosso favor.”

Outras referências obtidas fala de outras duas localizações de objetos da cultura Fenícia, uma em Diamantina – Minas Gerais que desapareceu, outra

em Gaspar hoje exposta no Museu do Homem de Sambaqui. Anteriormente havia uma hipótese sobre a existência de inscrições na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro. Além dessas duas no Brasil há citações sobre 5 inscrições nos Estados Unidos da América do Norte.



ITOBBAL REI DE TIRO

Itobaal, que reinou em Tiro nos tempos de Acab, fundou pelo soberano fenício duas colônias, uma na África, Auza, que permanece desconhecida, outra na Fenícia. Botris, que foi identificada com a moderna Batrun, 15 km. ao norte de Biblos.

OS NAVIOS DE GUERRA

Os navios de guerra tinham uma popa convexa, eram impulsionados por uma grande vela quadrada, num único mastro, e dois bancos de remos (um birreme). O comprimento era sete vezes maior que sua largura, para carregar o número necessário de tripulantes, remadores e guerreiros. Herodotus e Tucídides concordam que a velocidade média de uma antiga embarcação era de cerca de 6 milhas por hora.

Tinham um convés e estavam equipados com um aríete na proa. A popa era igual aos navios de carga, mas a proa, muito diferente. A proa de um navio de guerra fenício era em si uma arma. Tinha um esporão de bronze de várias formas, usado para investir e furar o casco dos navios inimigos (na verdade quem primeiro usou esta arma foram os navios egípcios). Nos lados dos navios foram pintados os olhos comuns, mas acima deles havia aberturas para cabos de ancoragem. Havia na proa um arco usado por arqueiros, ou catapultas, durante a batalha; e um pós-castelo no final da popa que abrigava o capitão e os oficiais. Havia dois lemes para a direção, um de cada lado da popa.

O segundo tipo foi para fins de transporte e comércio.

Estes eram semelhantes aos primeiros, mas, com cascos largos, ‘inchados’, eram bem mais pesados. Tinham um grande espaço de carga.



A TRADIÇÃO DOS OLHOS NA PROA

A popa era curvada, decorada com rabos de peixes ou desenhos em espiral. A proa também era curvada, coberta com uma figura de cabeça de cavalo. Dois olhos foram pintados em ambos os lados, destinados ‘a permitir que o navio visse a rota que estava tomando.’ Tornaram-se tradição náutica. Até hoje muitos barcos, de pesca ou recreio, levam olhos pintados na proa.

PINTURA LIBIO – PÚNICA

Uma pintura líbio-púnica encontrada em uma cova funerária de Ked el-Blida, nos montes Mogods reproduz um navio e permite conhecer o tipo de aparelhos de propulsão a vela e parte da armação, sete ou oito remadores aparecem a estibordo formados com suas armas em atitude de render homenagem, um personagem subido na proa dirige a cerimônia. A tripulação total devia estar ao redor de umas vinte pessoas acumuladas no convés. A embarcação esta aparelhada com um mastro que suporta uma vela quadrada.

Algumas pinturas rupestres representando barcos ainda insuficientemente estudadas não permitem ainda uma identificação correta das mesmas.

Recentemente se identificaram dois barcos fenícios entre o gaulós e o hippos, que se dirigiam ao Egito. A grande profundidade (400m.) a que se encontram impede com a tecnologia atual uma escavação convencional, porem a documentação fotográfica evidencia, serem dois barcos de madeira com quilha e frames (costelas da estrutura do barco) ortodoxas. Levavam um carregamento de ânforas.

BOSQUES

Nos estuários e nos bosques com solos ácidos se encontrava uma cobertura de Ginko Boloba com seu correspondente bosque de Brezal, e por outra parte calcáreos e por outra, solos dominados por Ensino e Carrasco (arbustos) debaixo dos quais cresciam aroeiras e em certa medida o acebuche e as oliveiras. Em menor quantidade pinheiros. Cereais dominavam as paisagens com grão de bico e favas e em menor escala frutais. A presença de trigo e cevada era significativa. Hortas peri urbanas com cereais constituíam a base da alimentação, pequenos terrenos para as leguminosas e dentro das cidades de onde vinham os figos e os romãs. Outra base alimentícia seria a pecuária, sobretudo bovino, em menor escala o porco e ovelhas, e episódicos a cabra, o cavalo e o cão. Não há fauna selvagem, exceção a alguns elefantes por causa do marfim e do consumo da carne. A análise de restos alimentares denota o exercício da pesca de tipo artesanal na laguna e no litoral, destinada ao consumo e a venda local, águas ricas com numerosas espécies documentadas, são de tamanho pequeno ou mediano: salpas, pargos, dourados, pageles, enguias e mujoles.

Ostras mexilhões, e caracóis indicam consumo sem aproveitamento industrial.

Fontes:

https://www.youtube.com/watch?v=wGoGrMx_QvI

<https://www.youtube.com/watch?v=4GZjSPDXRoQ>



DIVISÃO DAS COLONIAS

Ao dividir essas colônias por regiões, o panorama da expansão fenícia fica mais evidente:

Região atual	Antiga cidade / colônia fenícia
Argélia	Tipaza
Chipre	Kition
Espanha	Abdera, Almuñécar, Barcelona, Baria, Cádiz, Cartagena, Huelva, Ibiza, La Frontera, Lebrija, Lixus, Málaga, San Roque, Tarragona, Trayamar

França	Marselha
Palestina-Israel	Acre, Ashkelon
Itália	Cagliari, Genova, Lilybaeum, Motya, Nora, Olbia, Palermo, Soluntum, Sulcis, Tharros
Líbano	Amia, Ampía, Arqa, Baalbeck, Beirute, Botrys, Sarepta, Sidon, Sur, Tripoli
Líbia	Leptis Magna, Oia, Sabratha
Malta	Burmula, Mdina, Rabat
Marrocos	Lixus, Mogador, Tânger
Síria	Arvad, Lakatia, Ugarit
Tunisia	Cartago, Hadrumetum, Hippo Diarrhytus, Kerkouane, Leptis Parva, Thapsus, Utica, Zama Regia
Turquia	Finike, Karatepe, Myriandrus, Sam'al

Fonte: Os Libaneses – Murilo Meihy

IDADE MÉDIA

Até idade média as principais cidades e colônias construídas pelos fenícios foram subjugadas por outros povos que se expandiram em direção ao Mediterrâneo. Um dos primeiros poderes políticos-militares a promoverem a dominação foi o Império Assírio entre os séculos X e VI a.C. Mediante o pagamento de tributos os fenícios manteve certo grau de autonomia. Pagar tributos estimulou a exploração marítima e comercial do Mediterrâneo, gerando mais riquezas e comprando sua proteção com recursos do comércio marítimo. Esta estratégia durou até que o Império Babilônico que se transformou em um dos maiores centros culturais do Oriente Médio explorando a economia Fenícia e a escravização dos hebreus, até ser conquistado pelo Império Persa no século V a.C.

OS PERSAS E OS FENICIOS

Os persas apoiaram os fenícios em suas atividades marítimas em troca do apoio através da frota e dos seus conhecimentos para sua expansão em direção à Grécia. Este intercambio permitiu aos fenícios a sobrevivência do seu patrimônio cultural e também expandirem as contribuições de sua civilização por todo Império Persa, ampliando a influência cultural dos fenícios no mundo antigo.



RELAÇÕES ROMANOS E LÍBANO

As relações entre romanos e o Líbano histórico foram marcadas por um largo processo de integração, nem sempre pacífico. Incorporadas a Roma as terras libanesas produziu-se prosperidade material e cultural nas antigas cidades-Estados, destacando-se a construção da Escola de Direito Romano Clássico de Beirute que recebe os arquivos dos decretos imperiais

para formar mão de obra jurídica para a administração de um império tão vasto. Não se tem uma data precisa da sua criação, mas sua destruição por um terremoto de proporções catastrófica ocorreu em 551 d.C. A bandeira de Beirute conta com um brasão oficial na parte superior um livro aberto. A primeira página possui uma frase em latim, e a segunda em árabe, ambas significando “Beirute, a mãe das leis”.



AS RUINAS DE BAALBECK

As ruínas de Baalbeck são reconhecidas mundialmente. São um vestígio histórico do império Romano e do legado fenício para o Líbano e para o mundo. As construções desses complexos de santuários refletem dois séculos da experiência civilizacional que fez das terras libanesas a testemunha mais contundente do prestígio cultural de diferentes povos.

O que restou de Roma na região do oriente médio foi se transformando no Império Bizantino, e o

Líbano histórico ficou submetido ao modelo cultural do cristianismo ortodoxo até que no século VII o surgimento de um novo império expansionista organizado pelos seguidores de (Muhammad) Maomé, considerado o último profeta monoteísta fundador e propagador do islã e do Império Árabe subsequente vindo da península arábica e incorporado à costa do Mediterrâneo oriental.

Fonte: Os libaneses – Murilo Meiby



A CONEXÃO SARDA

Uma série de objetos intercambiados sustentaria a existência de navegações indígenas entre Sardenha, Sicília e a cultura Vilanoviana (el termo Villanova se origina do nome da localidade onde foram encontrados vestígios arqueológicos relativos a esta cultura, restos de um cemitério perto de Villanova, Castenaso, comuna italiana localizada 8 km a sudeste da Bolonha) no norte da Itália. A escavação que durou de 1853 a 1855

foi feita pelo acadêmico conde Giovanni Gozzadini e envolveu 193 túmulos. Seis sepulturas se destacavam das demais indicando um estatuto social privilegiado e eram constituídas por covas revestidas em pedras. Todas elas continham urnas funerárias preservadas e pouco saqueadas. Em 1893, acidentalmente uma necrópole Villanova foi descoberta em Verucchio, com vista para a planície costeira do Adriático no começo do primeiro milênio a.C. Por outro lado, a reprodução das embarcações nurágicas* em ex votos de bronze, com independência do complexo problema das identificações dos guerreiros shardana das inscrições e bajo revelos egípcios com os sardos, assegura a vocação náuticas deles, que não haveriam ficado confinados em sua ilha.

A cultura nuráguica ou nurágica surgiu por volta do século XVI a.C. na Sardenha e aí floresceu até ao século X a.C., decaindo a partir daí até desaparecer por completo cerca de 500 a.C. O seu nome provém das torres-fortalezas chamadas nuragos ou nuragues que persistem até ao nossos dias. Os nuragues e estatuetas de bronze de estilo esquemático e vigoroso constituem as duas principais características da civilização nuráguica.

MARFINS EM HUELVA

Entre os restos de resíduos de entalhe de marfim e de produtos acabados foram recuperadas 816 peças, com um peso de 2.230 kg. Também se exumou um grande resto de presa de elefante de 3.265 kg. Como no caso das madeiras, algumas peças informam de determinados usos.

Peças de estofamento

São frequentes as peças de forma quadrangular ou retangular, as vezes com perfurações e arranhados, relacionados com trabalhos de estofamento.

Pente

Um fragmento de pente estava decorado com círculos concêntricos, um motivo compartilhado pelo achado no Cabeço de Vaiamonte (Monforte, Portugal) cuja procedência ainda haveria que determinar.

Peças de tocadór

Peça cilíndrica de ponta e o recipiente onde estava introduzida se assemelha a alguns aplicadores de cosméticos e seu estojo.

Alguns furadores de marfim ponta fina puderam ser

utilizados para escrever sobre cera ou, impregnados de tinta, sobre papiro ou couro.

Instrumento musical

Se trata de uma peça de difícil identificação que bem poderia pertencer a um instrumento musical.

Presa de elefante

A natureza de um resto de presa de elefante ficou confirmada pelo estudo de laboratório, descartada a possibilidade de pertencer a um grande corno. Conserva sulcos similares a de alguns exemplares achados no Oriente, quiçás feitos para atá-lo e facilitar o transporte.

*Os exemplos de peças aqui descritas são uma pequeníssima amostra de um livro 300 páginas com detalhamento e fotos de cada peça descrita assim como considerações posteriores em relação à certas afirmativas que seguiram sendo estudadas posteriormente em outros grupos ou evoluíram na medida que foram sendo descobertos novos fragmentos. Agrego um exemplo em relação ao pedaço marfim acima descrito como exemplo do exaustivo e dedicado estudo por esses cientistas.



Roberto Curi Hallal

